

Resenha Bibliográfica

▪ Maurício Chalfin Coutinho*

MURPHY, Antoin E. *The genesis of Macroeconomics* – new ideas from Sir William Petty to Henry Thornton. Oxford: Oxford University Press, 2009. 234 p.

Antoin Murphy é um nome bem conhecido dos leitores em história do pensamento econômico, por seus monumentais e conclusivos estudos teórico-biográficos sobre Cantillon (MURPHY, 1986) e Law (*idem*, 1997). Em *The genesis of Macroeconomics*, Murphy de certo modo se afasta de sua predileção por trabalhos monográficos, oferecendo um balanço da formação da Macroeconomia do final do século 17 ao início do 19. O balanço vem na forma de uma espécie de saga da Macroeconomia, abrangendo, cada capítulo, uma síntese biográfico-teórica de grandes nomes da teoria econômica, responsáveis, no entendimento do autor, pela formulação de ideias e categorias macroeconômicas fundamentais.

As ideias e categorias fundamentais estão alinhadas no quadro-síntese exposto no capítulo conclusivo: contabilização da renda nacional, distinção entre renda e riqueza, identidade renda-despesa, fluxo circular da renda, multiplicador, crescimento econômico, papel do trabalho e do capital, demanda por dinheiro. Estas categorias foram formuladas e desenvolvidas por um ou mais dos oito autores que deram título a cada um dos oito capítulos que compõem o livro, afóra a Introdução e as Conclusões: William Petty, John Law, Richard Cantillon, David Hume, François Quesnay, Anne Robert Jacques Turgot, Adam Smith, Henry Thornton.

O caráter de saga aplica-se bem ao relato de Murphy, por duas razões. Em primeiro lugar, por serem quase todos os personagens retratados em biografias pouco típicas, muitas vezes até mesmo rocambolescas. Petty adquiriu fama em Medicina por haver ressuscitado uma (não bem morta, como se vê) condenada à força; Law, um *beau* fugido da prisão em Londres, na qual fora posto por haver morto em duelo um desafeto, reaparece na França como o grande executor do *Mississippi System*, que resultou em megaspeculação com ações e no desmoronamento do frágil sistema monetário francês, em 1720; Cantillon, o irlandês que redigiu o texto do qual os

* Instituto de Economia, Universidade de Campinas (IE-Unicamp). E-mail: mcout@eco.unicamp.br.
Endereço para contato: Instituto de Economia, Unicamp – Caixa Postal 6135 – CEP: 13083-857 – Campinas – SP.

fisiocratas copiaram as principais ideias, atuou com Law na estruturação do esquema da Mississippi Company e posteriormente multiplicou a fortuna apostando contra Law (e contra a moeda francesa), o que lhe valeu uma ordem de expulsão da França, diversos processos e – quem sabe? – a morte, anos após, em misterioso incêndio em Londres; Turgot, o mítico administrador-intelectual francês precursor do liberalismo; Quesnay, o fabuloso pensador, introduzido ao *grand-monde* de Versalhes por ser médico pessoal de Madame de Pompadour, a favorita do rei; Thornton, o banqueiro e mago das finanças, filantropo torturado por sentimentos religiosos... Vidas monótonas – e nem tanto, como sugere Murphy –, apenas as de Hume e Smith.

A segunda razão a sustentar o caráter de saga é a forma assumida pelos capítulos. Murphy é tão bom escritor que nem parece economista. Inicia cada capítulo com o relato de uma imaginária cena, na qual situa o personagem em seu *habitat*. Segue-se uma pequena e erudita biografia, fértil na checagem de informações, exploração de paradoxos, força e fraquezas do biografado, seus meios de vida. Afinal, uma apresentação e discussão de natureza teórica sobre a obra do personagem e as principais categorias econômicas por eles criadas.

Sendo o forte de Murphy a economia monetária, é claro que esta se transforma no assunto favorecido no livro. O autor persegue uma espécie de fio condutor, que também ordenara as discussões sobre moeda de Schumpeter em *History of economic analysis*: como superar a noção de que a moeda deve ter um valor – daí a moeda metálica – e admitir a moeda fiduciária? Law e Thornton são os pólos dessa discussão. Law, por haver formulado uma consistente proposta de criação de um sistema de moeda-papel, em *Money and trade considered...* (LAW, 1720), e por haver posteriormente procurado resolver, por meio de uma revolução na moeda e no financiamento público, os dois dilemas da economia francesa no século 18: a escassez de meio circulante e os crônicos problemas de financiamento da coroa. Thornton, por haver antevisto, contra os dogmas metalistas, a possibilidade de o Banco da Inglaterra atuar contracíclicamente, deixando de agravar as crises monetárias inglesas com a insistência em uma administração convencional da emissão de notas bancárias, supostamente em prol da “austeridade monetária”.

Considero que, pela grande familiaridade do autor com a economia monetária, os melhores capítulos são exatamente os dedicados aos grandes economistas monetários: Law, Cantillon, Thornton. Contudo, os capítulos dedicados a Petty, Smith e Hume não deixam a desejar. Embora mantendo o foco em economia monetária, Murphy é capaz de fornecer uma visão geral dos sistemas destes autores e, no caso de Hume e Smith, efetuar a devida apreciação das decisivas relações entre Filosofia e pensamento econômico. É sabido que Smith não foi um brilhante e criativo economista monetário, mas vale a pena nos determos em suas ideias sobre moeda, porque

a oposição a elas organiza a brilhante exposição de *Paper credit* (THORNTON, 1807), a obra revolucionária de Thornton. Quanto a Hume, Murphy aventa a possibilidade de que ele viesse a superar sua rejeição à moeda-papel, se seus escritos econômicos tivessem sido redigidos nas décadas finais de sua vida. Sou cético. Na verdade, a aversão de Hume à moeda-papel e seu associado, a dívida pública, tinha fortes fundamentos políticos: ele, simplesmente, temia que o soberano passasse a agir descontroladamente no financiamento do Estado.

Os capítulos sobre Quesnay e Turgot são menos consistentes – embora de modo nenhum mal resolvidos – por uma razão simétrica. Quesnay simplesmente ignorou a moeda, o que levou Murphy a destacar suas outras conquistas teóricas (a noção de fluxo circular e o entendimento do papel do capital). Já o capítulo sobre Turgot, um grande economista monetário, pagou o preço de sua falta de adesão à ideia de moeda não metálica, que mobiliza Murphy. Melhor dito, o relato sobre Turgot pagou o preço da fidelidade do biografado à visão, tradicional em economia e capaz de subsistir do final do século 17 à segunda metade do século 19, de que a moeda tem origens mercantis. Nasce e se desenvolve com a troca de mercadorias e é, ela própria, uma mercadoria, se bem que especial. Enfim, a moeda tem valor – seja o valor determinado por custos de produção ou por oferta e demanda.

Antes de prosseguirmos com o valor da moeda, assinala-se que o capítulo sobre Petty, que não foi propriamente um economista monetário, encontra-se desenvolvido brilhantemente. Sem dúvida, o relato de Murphy foi favorecido pela bem documentada e aventureira vida do biografado. Além disso, Petty personifica, como poucos economistas, a imaginação em ação. De que modo, com tão pouca informação, obter uma aproximação à medição de categorias como renda nacional, valor da riqueza, valor da renda da terra e do trabalho? Petty formulou conceitos e categorias econômicas e, ao mesmo tempo, desenvolveu meios de quantificá-los. À medida que Murphy – corretamente, a meu ver – privilegia a intuição como um meio de se obter conhecimento econômico, sente-se à vontade com Petty. Estranhei apenas a falta de referência à obra básica de Roncaglia sobre Petty. Diferenças de enfoque entre Murphy e Roncaglia não justificam a omissão. Murphy certamente não tem simpatias pelas visões, de inspiração marxista ou sraffiana, que analisam a evolução do pensamento econômico a partir de noções como excedente e reprodução, porém, da falta de simpatia à omissão completa há uma grande distância.

Voltando ao valor da moeda, sabemos que este constituiu um tema dominante nas discussões monetárias, do final do século 17 a meados do século 18. Foi justamente por preocupar-se com a excessiva variação do valor dos metais (como discretamente admite Murphy) que Law propôs, em *Money and trade...*, um sistema monetário apoiado em uma moeda supostamente mais estável, a moeda-papel com colateral em

terra. Enfim, para Law, como para os gigantes da economia monetária do final do século 17 (Locke, Barbon), a variabilidade do valor moeda era a questão central.

A discussão sobre o valor da moeda teve vários desdobramentos e deu margem à criação de diversos artefatos teóricos, dois deles de grande importância. Primeiramente, a relação entre moeda (quantidade e qualidade, ou teor metálico) e preços – os antecedentes da teoria quantitativa da moeda. Em segundo lugar, a relação entre as moedas nacionais, ou a taxa de câmbio. Da articulação entre preços nacionais das mercadorias e taxa de câmbio surge o *specie-flow mechanism*, ou mecanismo de ajustamento automático do balanço de pagamentos, grande conquista teórica exposta de modo embrionário por Locke e paradigmático por Hume (Murphy faz uma excelente apresentação do *specie-flow mechanism*). Em paralelo às discussões sobre o valor da moeda, e como herança do mercantilismo, é colocada a questão do “nível adequado de meio circulante”. Petty aflora o tema, afinal tratado de modo exemplar por Cantillon e deixado de lado por Hume, já que, na visão deste, “a moeda cuida de si”. O aforismo humano pressupõe a hipótese de que as variações da oferta monetária afetam imediatamente os preços, e não o nível de produção.

Murphy desenvolve muito bem, nos diversos autores por ele analisados, esta questão: a moeda afeta apenas os preços ou interfere no nível de produção? Para ficarmos na linguagem dos séculos 17 e início do 18, a moeda impulsiona o *trade* ou o *trade* gera a oferta monetária necessária? Law, como Thornton, são heróis de Murphy (e de todos os keynesianos...), porque não apenas anteviram que a moeda pode interferir no nível de atividade econômica, como propuseram medidas de administração da moeda fiduciária capazes de evitar a desnecessária estagnação ou queda do nível de produção em decorrência de constrangimentos monetários. Isso envolve a libertação da concepção de que a moeda deve ser metálica, ter “valor intrínseco”, ou preservar um adequado “lastro” metálico, assim como envolve uma análise dos mecanismos de transmissão da oferta monetária a preços – que teve Cantillon e Hume como pioneiros – e dos mecanismos de ajustamento das taxas de câmbio. Por detrás de tudo, concepções diversas de moeda, transparentes nas abordagens das “funções da moeda” ou, ainda, dos diversos instrumentos – títulos comerciais, dívida pública, ações inclusive – que acabam por assumir o papel de moeda, e cuja oferta não é inteiramente determinada pelos governos.

No meu entendimento, Murphy passa brilhantemente por todos estes temas, à exceção de um: o valor da moeda. E não basta no caso assumirmos que, como a moeda pode ser um pedaço de papel impresso, é irrelevante discutir seu valor. O fato é que nossos antepassados – Locke, Law, Cantillon, Turgot – discutiram o valor da moeda. Mais ainda, diversos economistas (Locke, Galiani, Turgot) associaram a discussão

do valor da moeda à do valor das mercadorias ou preços relativos, de modo geral. A moeda era vista como uma mercadoria, ou eram, ao menos, reconhecidas suas origens mercantis; vale dizer, seu surgimento a partir de relações comerciais privadas. Enfim, a questão do valor da moeda é imprescindível a qualquer reconstituição das teorias monetárias do século 18.

Falta dizer que o livro de Murphy passa, ainda que ligeiramente, pelas instituições monetárias e de dívida pública dos países, em especial Inglaterra (Escócia à parte) e França. Como lembra Murphy, o precoce desenvolvimento industrial da Inglaterra certamente está relacionado à modernização de seu sistema monetário e ao equacionamento do financiamento público, ocorridos no século 18. A França ficou atrás da Inglaterra em ambos os aspectos, e Law fracassou (por razões bem analisadas por Murphy) em modernizar o sistema monetário francês. Murphy defende a tese de que muitos economistas da segunda metade do século 18 – Hume e Smith entre eles – ficaram presos a uma noção de moeda que já não correspondia ao sistema monetário real. Um capítulo adicional sobre as transformações na estrutura do financiamento público e no sistema monetário no século 18 teria sido muito útil ao leitor desprovido de conhecimento na matéria.

Porém as observações dos dois últimos parágrafos são de pouca relevância, secundárias mesmo, diante dos méritos de *The genesis of Macroeconomics*. Acredito que, além de constituir uma leitura deliciosa e de muito proveito a todos os economistas, o livro de Murphy poderia ser adotado com êxito nos cursos de história do pensamento econômico. Os professores desta disciplina contentam-se muitas vezes em indicar aos alunos a leitura de manuais gerais que, embora sistemáticos, têm pouco brilho. A combinação de relatos biográficos com história da teoria, praticada com maestria por Murphy, é muito elucidativa e motivadora.

Referências

- LAW, John. (1705) *Money and trade considered with a proposal for supplying the nation with money*. Edinburgh: Andrew Anderson, 1720.
- MURPHY, Antoin. *Richard Cantillon: entrepreneur and economist*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- _____. *John Law – economic theorist and policy-maker*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- THORNTON, Henry. (1802) *An inquiry into the nature and effects of the paper credit of Great Britain*. Philadelphia: James Humphreys, 1807.